

W



SW

S

SW

CADERNOS DE  
ALMADA NEGREIROS

**SUDOESTE**

**1**

**EUROPA**

**PORTUGAL**

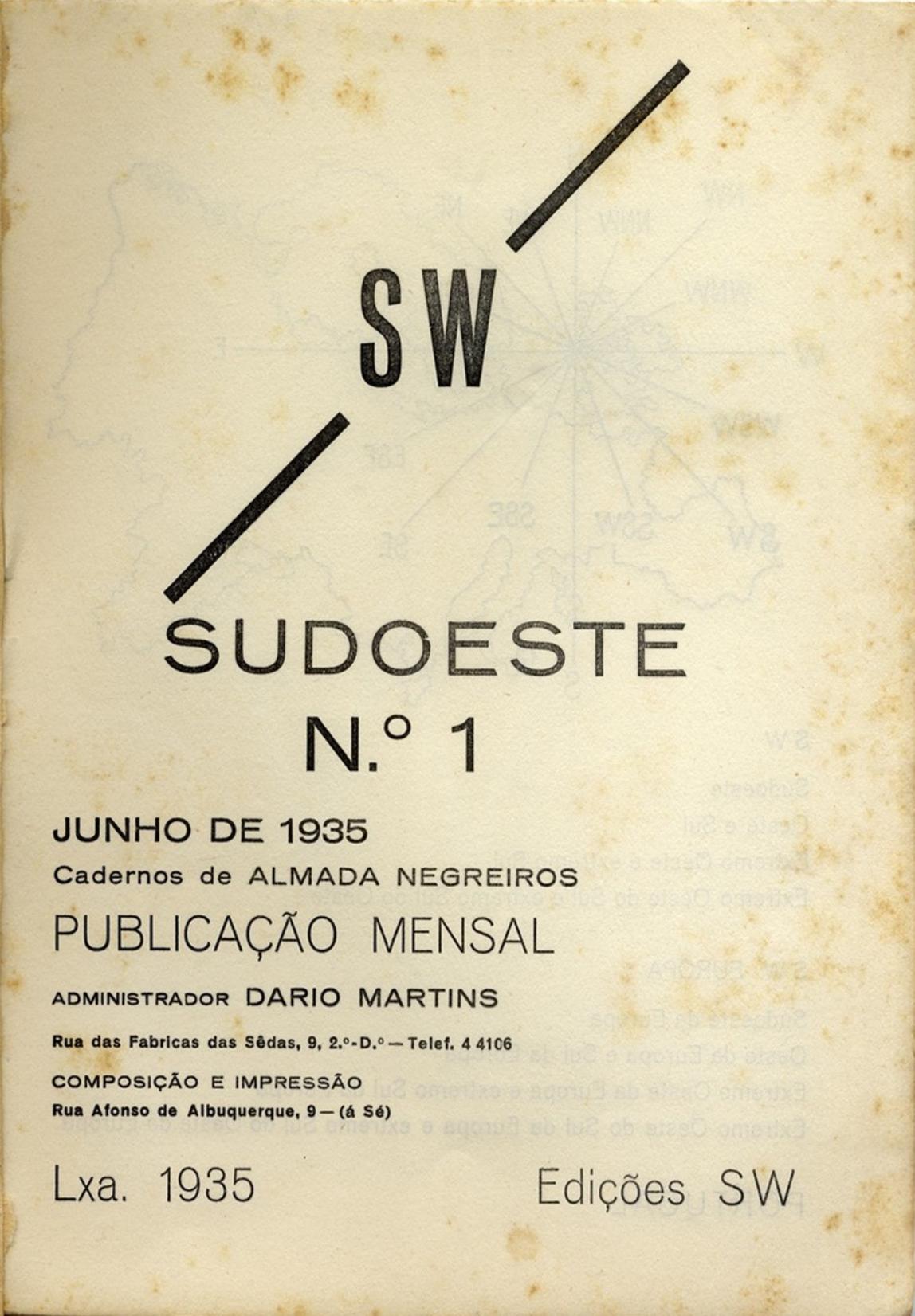
SW

# SUDOESTE

## SUMARIO DO N.º 1

- I      SW (capa)
- II     Sudoeste n.º
- III    Portugal no mapa da Europa
- IV    As 5 Unidades de Portugal
- V     Civilização e Cultura
- VI    Portugal oferece o aspecto de:  
1) uma nação formada  
2) um Estado a formar-se  
3) uma sociedade inculta  
4) um povo novamente á procura da sua dinamica propria
- VII   Theoria dos Opostos
- VIII  Arte e Politica
- IX    Aristocracia, por Johan Hjorst  
      Prof. da Universidade de Oslo
- X     Prometheu, ensaio espiritual da Europa
- XI    Mistica Colectiva

Visado pela Comissão de Censura



**SW**

**SUDOESTE**

**N.º 1**

**JUNHO DE 1935**

**Cadernos de ALMADA NEGREIROS**

**PUBLICAÇÃO MENSAL**

**ADMINISTRADOR DARIO MARTINS**

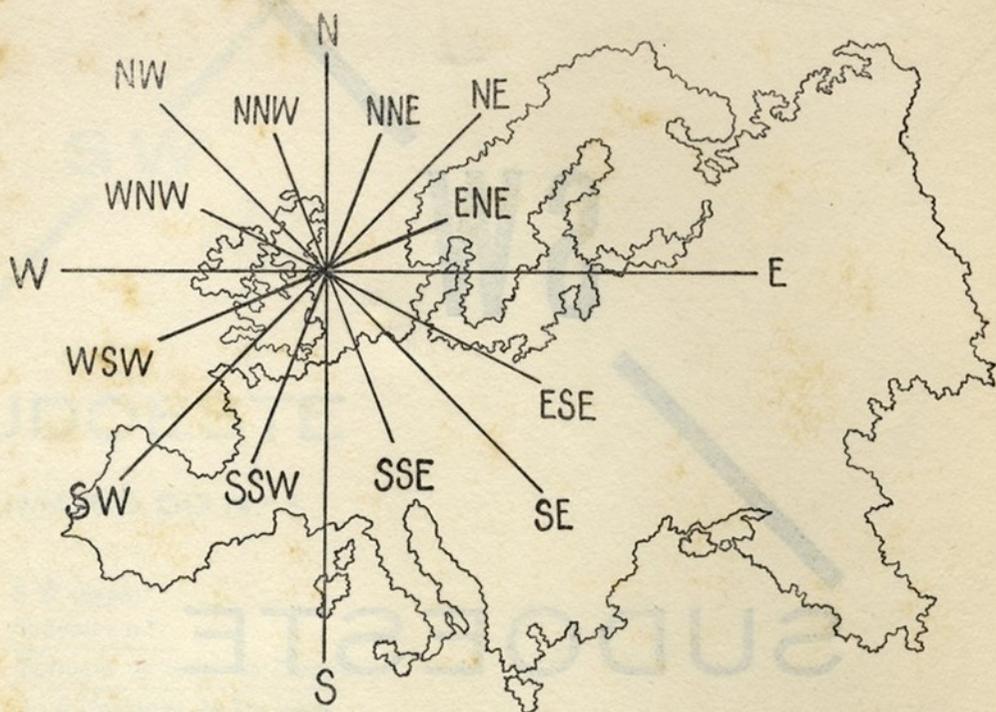
**Rua das Fabricas das Sêdas, 9, 2.º-D.º — Telef. 4 4106**

**COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO**

**Rua Afonso de Albuquerque, 9 — (á Sé)**

**Lxa. 1935**

**Edições SW**



SW

Sudoeste

Oeste e Sul

Extremo Oeste e extremo Sul

Extremo Oeste do Sul e extremo Sul do Oeste

SW EUROPA

Sudoeste da Europa

Oeste da Europa e Sul da Europa

Extremo Oeste da Europa e extremo Sul da Europa

Extremo Oeste do Sul da Europa e extremo Sul do Oeste da Europa

PORTUGAL

# Portugal no mapa da Europa

O mapa tem a sua erudição propria. Atravez do mapa politico do mundo cada povo tem a sua expressão propria no seu respectivo logar.

No mapa da Europa, Portugal define-se perfeitamente no extremo sudoeste, ou seja, fazendo parte integrante do ocidente e do sul da Europa, exactamente SW.

No mapa da península tambem Portugal se define perfeitamente independente da unidade espanhola com a que mantem grandes pontos de contacto.

A Espanha é como Portugal peninsular, ocidental e meridional a um tempo; a Península, o oeste e o sul são-lhe comuns, mas enquanto a costa portuguesa é exclusivamente atlantica, a espanhola é atlantica e mediterranea. A Espanha tem como a França a sua costa mediterranea e atlantica, mas a condição de peninsular de Espanha distingue-a da de continental da França. Estas diferenças que parecem minimas entre vizinhos no mapa são afinal toda a essencia da sua originalidade e independencia.

Atravez do mapa politico da Europa podemos fazer ainda outra observação de ordem visual: A de que as nações europeias occupam uma maior extensão territorial de Norte a Sul do que de Este a Oeste. O facto é evidente e deve portanto obedecer a uma causa. Não ha efeitos sem causa. E nas nações europeias é bem geral esta coincidência. A causa será a de haver maior diferença de caracteres humanos de Norte a Sul do que de Este a Oeste.

A Europa occupando logar na zona temperada, abrange uma maior extensão continental nos paralelos do que nos meridianos. Ao passo que na zona tórrida é menos sensível a diferença de latitudes e longitudes.

Esta convergencia dos meridianos nos polos faz com que se vão rareando as extensões habitaveis á medida que subimos para o Norte. Rareando em espaço e diminuindo a temperatura, por uma e por outra razões hão-de forçosamente ser mais sensíveis estas diferenças do que nas extensões tomadas dentro do mesmo paralelo, as quais são em dimensão e temperatura respectivamente iguais e equidistantes do equador.

Por isto mesmo apenas a maiores distancias começam a divergir os caracteres humanos no sentido Este-Oeste do que no sentido Norte-Sul.

Será esta a causa pela qual as nações europeias occupam na sua generalidade uma maior extensão Norte-Sul do que Este-Oeste.

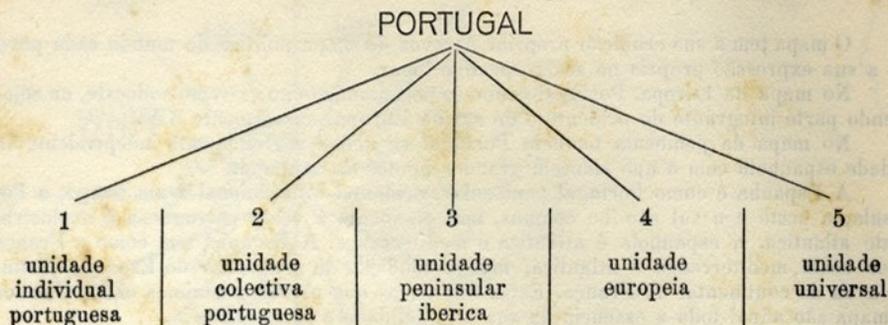
A formação de uma unidade politica não podia deixar de atender a estes dois sentidos da terra perpendiculares um ao outro. Sobretudo isto mesmo deve ter sido levado em conta no inicio longiquo das colectividades europeias e mais fortemente ainda na formação das respectivas nacionalidades. Não é pela repetição em numero dos mesmos caracteres humanos que pode fazer-se resultar o conjuncto para uma nacionalidade. Pelo contrario, uma nacionalidade necessita de abranger no seu conjuncto unico, a maior diversidade de caracteres humanos, respectivamente ao seu caracter comum e deduzido de entre todos; e sem o que não será possível nenhuma especie de unidade colectiva, nacional ou politica que contenha em si mesma a propria essencia da vitalidade e da perpetuidade.

Uma raça de sangue não pode formar uma nacionalidade, pelo menos, uma nacionalidade que perdure atravez dos seculos.

Exemplo: a raça judaica. E uma raça sem nacionalidade. Será sempre uma raça sem nacionalidade na Europa. Não cabem na Europa as autonomias de raça de sangue. Na Europa, sobretudo na Europa Central e mais categoricamente na Europa Occidental, as raças de sangue já ha muito que foram reunidas em raças de civilisação: Greco-latinos, teutões, eslavos, caucasicos e asiatico-indo-europeus. Só as raças de civilisação podem servir de base ás respectivas nacionalidades.

Portugal, a civilisação portuguesa, depende das civilisações iberica, greco latina occidental-europeia, europeia e universal.

# As 5 unidades de Portugal



Pela ordem da importancia de cada uma das cinco unidades.

Primeira: a pessoa humana portuguesa.

Segunda: a colectividade portuguesa.

Terceira: a civilização peninsular portuguesa.

Quarta: a civilização europeia.

Quinta: a civilização universal

1

## A pessoa humana portuguesa

N'este mundo tudo é meio menos o Homem. A pessoa humana é a unica finalidade de tudo quanto acontecer na terra.

Tudo quanto seja destino de Portugal deve estar dirigido com a finalidade unica da pessoa humana portuguesa.

O respeito pela humanidade começa exactamente em cada um de nós.

Sem o respeito pela individualidade e personalidade de cada sêr humano, seja ele qual fôr, não ha nada começado neste mundo.

O respeito devido a cada vida de per-si é um respeito tão exacto que se destingam as proprias entranhas da terra uma por uma.

O respeito por cada uma das pessoas humanas é a unica ligação que teremos no dialogo das gerações e no encontro da humanidade com a propria humanidade. Enquanto em Portugal cada uma das pessoas humanas portuguesas não tiver a possibilidade de entregar-se totalmente a fundo, á incognita da sua propria personalidade, continuará tudo ainda por começar.

O humano é a unica varonia da humanidade. O humano deve ser a unica varonia de Portugal.

2

## A Colectividade Portuguesa

A Cruz de Cristo, a esfera armilar, a caravela, a roda de Santa Catarina, o pelicano, a Imaculada Conceição, a corôa real e o barrete frigio, são episodios da historia de Portugal

As quinas são o unico sinal representativo de Portugal.

A colectividade portuguesa é a legitima defeza da pessoa humana portuguesa. Seis milhões e meio de portugueses são seis milhões e meio de vidas portuguesas sob a garantia da colectividade portuguesa. Toda e qualquer raridade da pessoa humana portuguesa ha-de caber inteira na colectividade portuguesa.

## A civilização peninsular ibérica

Civilização ibérica, sim. Sempre.

União ibérica, não. Nunca.

Aljubarrota mais Toro igual a zero.

Península ibérica igual a Espanha mais Portugal.

A Península ibérica já foi a cabeça do mundo com a forte Espanha e o heroico Portugal. A Península ibérica fez a America Latina.

A Península ibérica espalhou por toda a terra o sangue de Espanha e os padrões de Portugal.

Ficaram eternos no mundo Portugal e Espanha. Pela primeira vez na Historia, dois povos independentes realisam uma mesma e unica civilização: Portugal e Espanha criaram a Civilização Ibérica.

O litoral da terra e as imensidades dos mares e dos continentes ficaram pela primeira vez ligados praticamente ao Universal por iniciativa e feitos dos portugueses. Depois, os espanhoes participaram grandemente do Segredo português, com uma expansão ultramarina ao lado da nossa. A descoberta dos caminhos dos mares, a descoberta dos Novos continentes e a do perfil de todos os litorais e a primeira volta ao Mundo, feitos por portugueses e espanhoes, foram o primeiro material para a unidade politica da Terra.

A dualidade Portugal e Espanha é afinal o segredo da vitalidade da península ibérica e da sua civilização.

Portugal e Espanha são dois opostos e não dois rivais. Os opostos são complementos iguais de um todo. Este todo está representado geograficamente pela península ibérica e em espirito pela civilização ibérica.

A primeira parte da missão da civilização ibérica já foi cumprida: o império colonial português e o império colonial espanhol, a América Latina, e o sangue português e espanhol espalhados pelo mundo inteiro.

A segunda parte da missão da civilização ibérica começa em nossos dias: Criar a cultura do entendimento português e a do entendimento espanhol, não só para os actuais peninsulares como tambem para todos os originarios da nossa civilização comum e dual.

Alem disto, pesam sobre as actuais gerações portuguesa e espanhola, as respectivas e comum responsabilidades de criarem os novos colaboradores peninsulares do conjunto europeu e do universal.

Cada português terá que ser mais português do que nunca em face do espanhol mais espanhol do que nunca e sobretudo, portugueses e espanhoes teremos que ser mais portugueses e espanhoes do que nunca, em face do alemão mais alemão do que nunca, do inglês mais inglês do que nunca, do francês mais francês do que nunca, do italiano mais italiano do que nunca, do russo mais russo do que nunca, enfim, de todo e qualquer povo mais nacional hoje do que hontem, mais ele mesmo hoje do que nunca.

## A civilização europeia e a civilização universal

(Remete-se o leitor para o artigo do presente numero, intitulado PROMETHEU).

# Portugal oferece-nos o aspecto de

- 1) Uma nação formada.
- 2) Um estado a formar-se.
- 3) Uma sociedade inculta.
- 4) Um povo novamente á procura da sua dinamica propria.

1) Portugal é hoje a mais antiga nacionalidade da Europa, aquela que conserva mais justas as suas fronteiras primitivas. Isto representa por si a explicação do aspecto que nos oferece hoje Portugal, quanto á nação, de uma civilização fortemente contida e mantida em fronteiras metropolitanas fixas e invariáveis. Tendo por varias vezes fraquejado o Estado português, a nação portuguesa resistiu sempre a todos os lapsos governativos.

A integerrima civilização portuguesa tem profundos depositos de resistencia para quaisquer momentos que lhe sejam adversos. E assim aconteceu até hoje.

2) O Estado é efectivamente a verdadeira politica da colectividade. O Estado português deve ser a verdadeira politica da colectividade portuguesa.

Este assunto é exclusivo da competencia dos governantes e politicos.

3) Mas o mais assombroso está no que se refere ao capitulo da Cultura em Portugal. Aqueles a quem em Portugal atravez das gerações lhes coube em destino a cultura portuguesa, nunca souberam ou não conseguiram levar o conhecimento até á alma do nosso povo, conjugar o conhecimento da cultura com o entendimento popular, fazendo com este entendimento e aquele conhecimento uma linguagem unica e na qual o popular e o erudito não se distinguem um do outro. Excepção de Gil Vicente, toda a mais cultura dos autores portugueses parece erudita ou então francamente popular como a dos anónimos e a dos romancieiros.

A verdadeira cultura portuguesa, a que fosse em sua linguagem a um tempo erudita e popular, apenas a encontramos na genial excepção de Gil Vicente, e de lá até nós não lhe vemos a sequencia. Em todo o caso ao falarmos hoje com os mais humildes dos portugueses, incultos e até analfabetos, somos obrigados a reconhecer que intimamente uma forte civilização os mantem integros a despeito da falta mais completa de conhecimentos eruditos e até do alfabeto.

Isto prova que Portugal é uma nação longa e fortemente formada por uma civilização evidentissima, a qual nem a falta de conhecimento erudito nem até o analfabetismo conseguem apaga-la nos seus individuos. Mas isto quanto á civilização portuguesa. E quanto aos portugueses? Não é uma tirania trazer sores humanos subjugados a uma civilização ancestral e da qual eles talvez não participem afinal conscientemente? Uma civilização não pode ter fé em cada um dos que lhe pertencem, senão quando cada um destes é servido por uma cultura que o mantenha conscio individual e colectivamente da sua missão nacional. Pode objectar-se que a fé substitue a falta de cultura. Muito bem. É sabido que toda a fé promete conhecimento, mas tambem se sabe que em Portugal urge a generalização do conhecimento para a colaboração colectiva. Conhecimento é uma coisa. generalização do conhecimento é outra, e urgencia de generalização do conhecimento ainda outra.

Parecerá que estou fazendo mais um dos mil e um artigos que em Portugal se têm escrito contra o analfabetismo. Não é bem isso. Desejo descobrir outro campo e talvez mais absurdo este do que o dos alvires para debelar o analfabetismo em Portugal. Se dependesse efectivamente do Estado a generalização do conhecimento, esta seria em todos os casos mais longa do que urgia. A unica solução depende efectivamente de cada um dos portugueses, tomando á sua conta propria o encargo da sua curiosidade pessoal do conhecimento.

# Portugal oferece-nos o aspecto de

- 1) Uma nação formada.
- 2) Um estado a formar-se.
- 3) Uma sociedade inculta.
- 4) Um povo novamente á procura da sua dinamica propria.

1) Portugal é hoje a mais antiga nacionalidade da Europa, aquela que conserva mais justas as suas fronteiras primitivas. Isto representa por si a explicação do aspecto que nos oferece hoje Portugal, quanto á nação, de uma civilização fortemente contida e mantida em fronteiras metropolitanas fixas e invariaveis. Tendo por varias vezes fraquejado o Estado português, a nação portuguesa resistiu sempre a todos os lapsos governativos.

A integerrima civilização portuguesa tem profundos depositos de resistencia para quaisquer momentos que lhe sejam adversos. E assim aconteceu até hoje.

2) O Estado é efectivamente a verdadeira politica da colectividade. O Estado português deve ser a verdadeira politica da colectividade portuguesa.

Este assunto é exclusivo da competencia dos governantes e politicos.

3) Mas o mais assombroso está no que se refere ao capitulo da Cultura em Portugal. Aqueles a quem em Portugal atravez das gerações lhes coube em destino a cultura portuguesa, nunca souberam ou não conseguiram levar o conhecimento até á alma do nosso povo, conjugar o conhecimento da cultura com o entendimento popular, fazendo com este entendimento e aquele conhecimento uma linguagem unica e na qual o popular e o erudito não se distinguissem um do outro. Excepção de Gil Vicente, toda a mais cultura dos autores portugueses parece erudita ou então francamente popular como a dos anónimos e a dos romancieiros.

A verdadeira cultura portuguesa, a que fosse em sua linguagem a um tempo erudita e popular, apenas a encontramos na genial excepção de Gil Vicente, e de lá até nós não lhe vemos a sequencia. Em todo o caso ao falarmos hoje com os mais humildes dos portugueses, incultos e até analfabetos, somos obrigados a reconhecer que intimamente uma forte civilização os mantem integros a despeito da falta mais completa de conhecimentos eruditos e até do alfabeto.

Isto prova que Portugal é uma nação longa e fortemente formada por uma civilização evidentissima, a qual nem a falta de conhecimento erudito nem até o analfabetismo conseguem apaga-la nos seus individuos. Mas isto quanto á civilização portuguesa. E quanto aos portugueses? Não é uma tirania trazer seres humanos subjugados a uma civilização ancestral e da qual eles talvez não participem afinal conscientemente? Uma civilização não pode ter fé em cada um dos que lhe pertencem, senão quando cada um destes é servido por uma cultura que o mantenha conscio individual e colectivamente da sua missão nacional. Pode objectar-se que a fé substitue a falta de cultura. Muito bem. É sabido que toda a fé promete conhecimento, mas tambem se sabe que em Portugal urge a generalização do conhecimento para a colaboração colectiva. Conhecimento é uma coisa. generalização do conhecimento é outra, e urgencia de generalização do conhecimento ainda outra.

Parecerá que estou fazendo mais um dos mil e um artigos que em Portugal se têm escrito contra o analfabetismo. Não é bem isso. Desejo descobrir outro campo e talvez mais absurdo este do que o dos alvitreos para debelar o analfabetismo em Portugal. Se dependesse efectivamente do Estado a generalização do conhecimento, esta seria em todos os casos mais longa do que urgia. A unica solução depende efectivamente de cada um dos portugueses, tomando á sua conta propria o encargo da sua curiosidade pessoal do conhecimento.

À colectividade pode exigir-se-lhe ordem, fortaleza e o nosso logar, o que não se lhe pode exigir é cultura. Esta depende exactamente de cada uma das suas pessoas e das elites por estas formadas nos valores do conhecimento. A civilização é um fenómeno colectivo. A cultura é um fenómeno individual. A colectividade portuguesa está feita de Atonso Henriques até hoje, agora faltam os portugueses, as pessoas portuguesas, as pessoas humanas portuguesas. Nem todos têm a educação precisa para saber exigir de si proprios tudo quanto lhes é devido, não apenas para o seu caso pessoal como tambem no da colaboração com a colectividade. O primeiro movimento de qualquer de nós sobretudo ao iniciarmos a vida publica, é o de exigirmos da colectividade os seus deveres para comnosco individualmente.

Ora a colectividade seja qual fôr o grau de civilização em que ela se encontre, não dispõe de logares individuais para os seus servidores senão no sentido literal de burocracia. Mas a colectividade serve desta maneira os seus individuos não supondo que estes esgotem todas as suas capacidades pessoais no simples logar do serviço publico. A colectividade pressupõe que cada individuo ultrapasse o seu dever civil e que fique apto por sua vez a servir a colectividade com o seu proprio valor pessoal, original e inédito. Seria muito pouco para um civilisado se os seus deveres publicos estivessem limitados aos obrigatórios, áqueles que a sociedade previamente lhe ditou como inalienaveis. Não, alem destes, a sociedade aguardará de cada uma das suas pessoas que lhe tragam novas expressões para a sua fé, novas iniciativas para a sua unidade, novas revelações para o seu eterno.

Porem, hoje em dia, vemos que a tradição pode afinal ser mal interpretada.

A Tradição, o unico valor positivo da tradição é o de servir com os seus exemplos históricos a iniciativa individual dos actuaes de uma mesma civilização. A descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama mais do que a Portugal pertence ao seculo XV. O feito ficou exactamente no seculo XV. Bem pouco seria para o Portugal de hoje apenas o orgulho de ter-nos pertencido ha cinco seculos esta descoberta, se não fosse o exemplo legado a todos e especialmente a nós por Vasco da Gama. Luiz de Camões ao referir-se ao português Fernão de Magalhães diz:

«O Magalhães; no feito, com verdade  
Portuguez; porem, não na lealdade».

Apesar da não lealdade de Fernão de Magalhães este cabe perfeitamente na historia e no Lusíadas, pelo seu «feito, com verdade portuguez».

Isto é, o exemplo da iniciativa individual dado na historia por Fernão de Magalhães, apesar da sua não lealdade serve melhor na sua tradição os portugueses do que outros povos porque o seu feito foi «com verdade portuguez».

Ha muita gente que conhece historia mas nem todos conservam o instinto de saber viajar pelo passado. Por outras palavras, chama-se indevidamente culto a quem não é afinal senão erudito, áqueles que em vez da imaginação usam apenas a memoria. Por outro lado, á imaginação «cette reine créatrice» (Baudelaire) confundem-na com a fantasia. Todas as maravilhosas capacidades do humano instinto têm sido aniquiladas sistematicamente pela verborreia da erudição, toda essa ciencia de memoria sem ligação com a terra do sentimento. A cultura ficou enterrada por debaixo da leitura dos lidos, relidos e treslidos

Com a Historia da Arte passa-se um caso curioso que diz respeito á cultura e á erudição: Ha duas Historias de Arte!

Uma escrita pelos criticos e historiadores, outra feita pelos proprios autores de Arte, com as suas proprias obras. Na verdade, a primeira é a unica que interessa ao publico. Mas de verdade tambem, o processo de informação da tradição não é o mesmo para os autores que para os historiadores de Arte e o publico. Pelo menos os autores não seguem a Historia da Arte feita pelos criticos e historiadores para serem por sua vez autores de Arte e sucessores dos seus maiores. Aos autores bastam-lhes os autores. E pelo con-

trario, a erudição da historia de Arte rouba-lhes a claridade da Arte, o culto do humano e do belo.

Mas vamos ao caso mais celebre e genial que nos conta a historia sobre o sentido do culto e do erudito: Publius Lentulius, Governador da Judeia, envia para Roma, ao Cezar, uma carta com um retrato que faz de Jesus Cristo e na qual se lê esta frase:

«Apesar de quasi não possuir instrução conhece todas as ciencias».

4) Uma colectividade cuja nação está formada, o Estado a formar-se e a sociedade inculta, é um povo novamente á procura da sua dinamica propria. E' nestas circunstancias, as quais apenas o espirito resolverá, que se impõem duas linguagens que precipitarão os resultados comum e particulares para os quais se caminha: o cinema e o teatro.

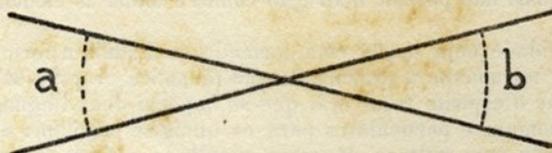
Uma civilização sem cultura dá como resultado a falta de profundidade tão evidente nos portugueses. O cinema como animador da nossa civilização e o teatro como animador da cultura individual, têm o papel mais importante do espirito na renovação dos nossos valores.

Gil Vicente, o pioneiro do teatro europeu do Ocidente, aguarda os seus sucessores e o cinema português os seus pioneiros.

Remete-se o leitor para os artigos *Cinema é uma coisa e Teatro é outra* e *Encorajamento á juventude portuguesa para o cinema e para o teatro* a sairem no numero 2 de Sudoeste.

# Teoria dos opostos

(Apontamentos para a «Direção Unica»)



O ângulo  $a$  é o oposto de  $b$ . Ambos têm a mesma medida; são iguais e não se repetem; são iguais e opõem-se.

A palavra oposto implica a existencia de outro igual. Se não são iguais não se podem opôr, é logo um mais ou menos qualquer coisa do que o outro. A oposição é o equilibrio. Da oposição resulta a unidade. Igual opõe-se a igual e formam um todo unico.

Igual + igual = unidade.  $1 + 1 = 1$

Dois angulos opostos têm uma unica figura, um grafico unico, e não ha outra maneira do que esta de serem representados. A geometria copia a realidade. Copia a e assenta-a.

Exemplo de opostos em varios campos:

No mundo humano

O homem e a mulher

Homem + Mulher = Unidade  
1 + 1 = 1

No mundo social e politico

O individuo + a colectividade

(representando o humano)  
individuo + colectividade = unidade  
1 + 1 = 1

No mundo da Arte

A arte e a natureza

a arte + a natureza = unidade  
(representando o humano)  
1 + 1 = 1

No mundo do espirito

O humano e o divino

humano + divino = unidade  
1 + 1 = 1

# Arte e Politica

A grande actualidade que traz curiosos os animos é uma possível colaboração espiritual entre Arte e Politica. Aparte esta actualidade, Arte e Politica não estão feitas para colaborar uma com a outra, e o unico encontro possível de ambas é nos resultados das suas acções particulares, ao produzir-se a presença duma e da outra na vida da humanidade.

Vejamos o que são na sua essencia a Arte e a Politica.

Em Grego antigo a Arte diz-se Tekné, e quer dizer indistintamente Arte e Ciencia. Politica é uma palavra composta de tekné e polis. Polis quer dizer cidade.

A Arte, a qual entre os gregos antigos tinha uma palavra que a designava e ao mesmo tempo tambem á Ciencia, chegou até nós reduzida quasi exclusivamente para representar as artes plasticas.

Ora os Gregos reunindo a Arte e a Ciencia na Tekné, procuravam desta maneira não separar o conhecimento do sentimento humanos.

A geometria é a medição da natureza com o entendimento humano. E o entendimento não é mais do que a união intima do conhecimento com o sentimento humanos.

Nas antigas universidades as Artes eram o humanismo e a theologia.

Na escola de Alexandria as artes liberais eram a Geometria, o Retorica, a Filosofia, a Poesia, a Musica, a Dança e a Astrologia.

A Arte foi tomando os varios aspectos de artes plasticas, belas artes, artes visuais, artes mecanicas, etc., até servir a sua palavra de raiz para tudo quanto significasse movimento ou criação de movimento.

Exemplo: a palavra politica em Grego (tekné, polis) arte da cidade, quer dizer literalmente movimento ou criação do movimento da cidade.

Mas a palavra Tekné em politica (tekné, polis) funciona apenas como componente importante junto do outro componente importante **polis**, na composição da unica palavra. Exactamente como quando dizemos artes liberais, artes plasticas, etc., são sentidos unicos compostos por varias palavras, embora não formem palavras unicas, como em belas-artes ou em polis-tekné, mas onde a palavra arte ou tekné entra na sua composição.

Contudo, por si só, a palavra tekné tem um valor absoluto, o qual servindo todas as suas compostas não só não sofre a influencia de cada uma destas, como tambem apenas as serve por conservar a unidade do seu proprio sentido profundamente geral.

Aqui está porque as palavras tekné e arte têm nos gregos tamanha importancia e entre nós apenas nas antigas universidades são empregadas simplesmente, sem ligação com outras na formação de um novo sentido nem na composição de nova palavra.

As artes nas antigas universidades eram o humanismo e a theologia, isto é, o conhecimento e os sentimentos humanos ligados na mesma palavra. Tekné e Arte são palavras que encerram em si o unico conceito unanime do humano no universo. O facto das antigas universidades porem no plural Artes deve seguramente ter estreita relação com a Tekné dos Gregos, Ciencia e Arte ao mesmo tempo.

«Arte e Ciencia não podem deixar de estar estreitamente ligadas entre si. Mostra-o a Tekné dos Gregos e as Artes nas antigas universidades. E' a intima união do sentimento com o conhecimento humanos, formando o entendimento da humanidade.

Ciencia sem Arte é ciencia pela ciencia, é a substituição das Humanidades pela sociologia, é confiar demasiado nas estatisticas e de menos no instinto humano.

Arte sem Ciencia é arte pela arte, mero deleite ou passatempo.

O que torna inseparaveis a Arte e a Ciencia é a ligação permanente que existe entre o conhecimento e o instinto humanos: Arte é o instinto do conhecimento; Ciencia é o conhecimento do instinto. Por isto mesmo a Arte precede constantemente a Ciencia.

Apenas as rialidades politicas pretendem que a Arte proceda dos factos e não que os preceda. Ora precisamente é a Politica que ha-de estabelecer-se sobre o resultado determinante dos factos. E quando a politica surge como animadora dos facos é simples-

mente por necessidade de desfazer os factos artificiaes derivados de erros de outras politicas». (1)

\*

Ha de facto no destino da humanidade uma politica universal e unica. Tanto a arte como qualquer politica não podem deixar de se integrar nesta unica politica universal. Mas a historia ensina-nos que esta «politica universal têm duas correntes fundamentaes e eternas: a politica pratica e a idealista, a diplomatica e a ethica, a politica do Estado e a da Humanidade».

Exemplos: «Erasmus e Machiavel». «Pouco tempo antes de morrer Erasmus legando ás gerações futuras a mais nobre das missões: realisar a concordia europeia, aparece em Florença um dos livros mais importantes e o mais ousado da historia, **O Principe** de Nicolau Machiavel. Neste tratado duma precisão mathematica onde se exalta a politica da força e da realisação (reussite), encontra-se formulada, como num catecismo, a contrapartida dos principios de Erasmus. Claro está que a concepção de Machiavel que glorifica o principio da força soube impor-se na Historia».

«Não é a politica da humanidade de Erasmus mas a politica da violencia fiel ao espirito do **Principe** a que determinou o curso dramático da historia europeia. E' o espirito da discordia e não o da concordia o que fornece a todos os povos as energias mais apaixonadas».

«O pensamento de Erasmus» (apesar de Erasmus ter sido a maior personalidade da sua epoca, como nenhuma personalidade em nenhuma outra epoca) «não conseguiu nenhum papel importante na historia nem exerceu nenhuma influencia sensivel sobre o destino da Europa: o grande sonho dos humanistas, a solução (applanissement) dos conflitos num espirito de equidade, esta união desejada pelas nações sob o signo da cultura geral, ficou uma utopia, nunca foi realizada e talvez não possa ser realisada no dominio dos factos. Mas no do espirito, ha lugar para todas as oposições: precisamente o que não triunfa nunca na realidade conserva por isso mesmo um dinamismo eficaz, e são exactamente os sonhos que não se realisam aqueles que se mostram mais invenciveis». (2)

Estes dois exemplos: Erasmus e Machiavel são bem representativos um e outro do que sejam as duas correntes fundamentaes e eternas da politica universal, Erasmus representando a Arte e Machiavel a Politica.

Arte sinonimo de humano. Politica sinonimo de social.

Se o social enche toda e qualquer realidade, o humano dura enquanto durar a humanidade. O social tem urgencias e actualidades, o humano é invariavel e perene. O social e o humano não são opostos nem sequer adversarios. Não são opostos porque não se complementam, não são adversarios porque não se disputam, nem disputam nada de comum, são ambos a mesma e unica humanidade na sua realidade actual e fisica e na sua eterna presença do espirito. O social é meio constante, o humano, principio, meio e fim unicos.

Tampouco chega a haver nunca a opposição entre arte e politica, são apenas contrapartidas uma da outra, as duas correntes fundamentais e eternas da mesma politica universal.

Entre o espirito e a politica houve sempre mal-entendidos, o que não quer dizer que estes mal-entendidos tenham conseguido formar uma opposição entre ambos ou estabelecer sequer a rivalidade, São puros mal-entendidos, factos lastimaveis.

Galileu, Miguel Servet e Lavoisier são tres exemplos historicos sacrificados pelos interesses imediatos da realidade politica.

Roma, Calvino e a Revolução Francesa tres poderes temporaes bem distanciados uns dos outros no tempo, e bem distinctos entre si e até adversos, sacrificam tres dos maiores heroes duma mesma corrente fundamental e eterna, classica e europeia, o co-

(1) «Tékné, a cabeça da colectividade» do autor.

(2) «Erasmus», Stefan Zweig.

nhcimento e o espirito. Tres lastimaveis mal-entendidos, tres victimas inuteis, sem lucro para ninguem, com perda para todos.

O inevitavel resultado dos mal-entendidos.

Erasmus e Machiavel têm ambos os seus respectivos antecessores e sucessores. As duas correntes fundamentais e eternas da politica universal prosseguem nos seus rumos autonomos.

Em todo o caso o humano pode, abstraindo da realidade imediata, prescindir do social, enquanto que o social, ao mesmo tempo que conquista o Poder pretende tambem conquistar a Arte e a Humanidade.

«A arte, para nós, «diz Mussolini», é uma necessidade primordial e essencial da vida, a nossa propria humanidade».

Fala o politico, o maquiavelico. Fala da Arte como «uma necessidade primordial e essencial da vida», como sinonimo de «a nossa propria humanidade».

«A nossa propria humanidade, para nós» diz Mussolini. São legitimas estas palavras na boca de Mussolini, simplesmente esta humanidade a que se refere não é a humanidade de toda a humanidade. Por isso faz bem ao falar em humanidade chamar-lhe «nossa» tendo previamente avisado, «para nós».

Que determinado território do Mundo esteja ansioso de formar a sua propria humanidade, parece legitimo, porem é legitimo tambem que nenhuma humanidade parcial possa ter outro modelo que a humanidade autentica, nem outra integração que esta propria.

Por mais **geral e total** que seja uma politica não consegue atingir jamais o **unanime** da arte.

\*

A posição do artista e de toda a aristocracia do espirito em face das politicas jamais teve nada de dubio. Em face dos poderes constituídos, em face de todo e qualquer poder constituído, a attitude do artista e da aristocracia do espirito é invariavelmente a mesma.

O artista e toda a aristocracia do espirito servem lealmente o conhecimento e o espirito, e estão por conseguinte em franca colaboração com tudo quanto esteja dirigido tambem para o conhecimento e para todas as oposições do espirito. O que poderá parecer dubio é esta constancia, esta invariabilidade, esta lealdade da posição da arte e da aristocracia do espirito em face da successão dos valores sociaes e politicos.

A cõrte que a politica faz á arte é profundamente logica, é «uma necessidade primordial e essencial da vida» (para a politica), «a sua propria humanidade».

A arte não combate nenhuma politica, resume-se a colaborar ou a não poder colaborar com ela. E neste caso ficarão imediatamente prejudicadas ambas: a politica e a arte. Entre arte e politica não ha opposição nem tampouco é possivel rivalidade. A rivalidade dá-se entre as diversas opiniões politicas ou entre as varias opiniões da arte.

O politico só poderá ser rival de outros politicos, e o artista de outros artistas.

\*

A gravidade dos acontecimentos da actualidade na humanidade e os quais intimam a intervir a cada um na vida comum, é completamente independente das relações que nunca existiram entre Arte e Politica, a não ser no seu unico encontro possivel, o da presença de uma e da outra na vida da humanidade. De modo que, ao intervir cada qual na vida comum por imperiosidade do momento colectivo e individual, fa-lo-ha exclusivamente á sua maneira pessoal e tomará partido livremente, por sua vontade ou simpatia, interesse ou convicção, ou então por aluvião mística do colectivo.

# Aristocracia

da «Crise da Verdade» de Johan Hjort, professor  
da Universidade de Oslo

Apêlo á nova geração

Cap. VII pags. 255 e 256

«A aristocracia não tem por fim o de possuir o poderio e a riqueza ; o seu ideal é o de servir a Sociedade, o Estado e a Nação.

Foi assim na Grecia, em Roma e nas nações da Europa. O espirito aristocratico pode encontrar-se em qualquer cidadão : é o inverso daquele que procura o poder para defender os seus proprios interesses, quer estejam no dominio da finança ou no da politica.

Ninguém ousará negar que tem havido na historia homens providos da vontade de fazer grandes coisas sem pensar na sua vantagem pessoal.

Os triunfos no dominio das artes, das ciencias. da politica, o que são senão o resultado do desejo de criar qualquer coisa de superior ?

E' precisamente nas epocas em que o Estado e a Nação correram os maiores perigos, que se viu produzirem-se as mais notaveis manifestações do espirito aristocratico, os sacrificios que ignoram a inveja, a dedicação á causa comum, o abandono do poder ao mais digno.

Mas evitemos entreter a ilusão de que a lucta será breve : isto seria fundar um novo «ismo».

A sociedade como todos os organismos vivos, não atingirá jamais o equilibrio : senão, isto seria a morte, porque a essencia da vida é a renovação. A vida social será sempre, como o disse Goethe, uma lucta constante para conquistar a liberdade e o direito á vida».

# PROMETHEU

## ENSAIO ESPIRITUAL DA EUROPA

Imediatamente antes da Grande Guerra, vários jornais europeus do Ocidente fizeram de combinação entre si, um inquérito para os seus leitores com esta única pergunta: Qual é assunto e o seu herói que mais têm interessado até hoje ao público europeu?

Fechado o inquérito, a resposta que o ganhou e com uma maioria esmagadora foi a seguinte: PROMETHEU!

E' o caso de se dizer que a resposta foi superior á pergunta. Pelo menos, o inquérito não supunha levantar uma quasi unanimidade entre os mais diversos leitores do Ocidente europeu.

A espontaneidade da resposta alcançando tão evidente maioria não pode deixar de ser encarada como profundamente significativa: ressuscitava pela milionesima e uma vez na historia este assunto e o seu herói Prometheu.

\*

Atravez dos textos antigos estava-nos infelizmente interdito este conhecimento.

Pelas varias traduções tampouco era facil converter em actual o seu primitivo sentido. Até que um poema incompleto de Goethe, intitulado Prometheu, veio trazer a luz a este assunto.

A acção do poema está distribuida pelos versos dos três actos incompletos: Prometheu, o homem, consegue pelos seus proprios meios humanos roubar os segredos dos deuses. Estes, vendo-se roubados, enviam emissarios a Prometheu para que lhes restitua os segredos que lhes pertencem. Prometheu nega se terminantemente, dizendo-lhes que foi com as suas proprias forças e poderes humanos que conseguiu encontrar os segredos iguais aos dos deuses.

«Se as crianças e os mendigos  
não fossem loucos, cheios de esperanças,  
Vós, ó deuses, clamaríeis de fome».

diz Prometheu aos deuses e termina por estas palavras:

«Eis-me aqui; formo os homens  
à minha imagem  
uma raça igual a mim,  
para sofrer, chorar,  
viver e sentir a alegria».

Foi este assunto e o seu herói Prometheu que ganharam o inquerito dos jornaes do Ocidente europeu.

Haverá alguém a quem lhe pareça uma casualidade um assunto ter ganho por grande maioria um inquerito feito entre os leitores de jornaes de varias nacionalidades do ocidente da Europa?

Ha três factores comuns que interessam profundamente neste inquerito: ser europeu o assunto da resposta vencedora, serem europeus os jornaes e europeus do Ocidente os leitores.

Com estes três factores comuns se verifica que uma unanimidade de espirito, pelo menos esboçada, assenta sobre determinada parte da Europa.

Isto quer dizer que a nossa ideologia de europeus manda que cada qual saiba ser por si-mesmo, como Erasmo de Roterdão que era «homo pro se».

Com o modelo classico de Prometheu cada qual tomará para si a responsabilidade do seu proprio destino na Terra.

\*

Os continentes têm a sua expressão espiritual ao lado da sua geografia fisica e polittica. Os três continentes do Velho Mundo: Asia, Africa e Europa, têm a sua expressão espiritual própria. Dos dois continentes do Novo Mundo: Américas e Austrálias, é prematuro definir-lhes a expressão pessoal e colectiva das quais resulte a espiritual. Mas não acontece o mesmo com as do Velho Mundo: Na Asia nasceu o religioso, na Africa o feitiço e na Europa o mytológico. E são estas as três fases do nascimento do espirito: o selvagem, o divino e o humano; Africa, Asia e Europa.

A mytologia com todo o seu maravilhoso de deuses, semi-deuses e herois fabulosos da antiguidade, chega-nos hoje ao século XX menos confusa do que para quaisquer outros séculos intermédios. Sobretudo neste particular essencialissimo: a mytologia é o mundo do espirito com a prevalencia do humano; como o religioso é o mundo do espirito com a prevalencia do divino.

A confusão do maravilhoso mytológico com o maravilhoso cristão de que é acusado de ter incorrido no Lusiadas Camões, longe de ser herético é legitimamente europeu. A leal distincção entre o humano e o divino não estava perfeitamente definida no tempo de Camões, embora o estivesse já no animo do nosso poeta.

Um século depois de Camões, o jesuita espanhol Baltazar Gracian, dos maiores pensadores da nossa raça peninsular e tambem dos maiores pensadores da humanidade, esclarece com toda a sua autoridade de filosofo, humanista e teólogo: «Devemos servir-nos dos meios humanos como se não houvesse os divinos, e dos divinos como se os não houvesse humanos».

\*

Prometheu é o protagonista do humano. O primeiro protagonista do humano. Promethen, heroi da mytologia grega, personagem da tragédia grega, é a verdadeira descoberta do humano.

Depois vem Jesus Cristo, aquele onde o humano e o divino não se aniquilam mutuamente; antes pelo contrario, cabem perfeitamente um e outro na personalidade humana: o humano e o divino.

Os gregos não faziam uma distincção precisa entre o humano e o religioso. Os seus templos fundamentavam-se na proporção humana, mas os seus deuses, semi-deuses e herois não estavam bem separados pela fronteira que delimitasse o mundo dos deuses do mundo dos humanos.

Prometheu em manifesto prejuizo do divino, faz a descoberta do humano: Isola-o na mitologia. E com efeito, são exclusivamente humanas certas faculdades que os deuses guardavam em seu segredo.

Quando aparece Jesus Cristo, a religião dos Gregos e Romanos é afinal uma tirania tão grande como a dos Judeus e a da Roma dos Cesares. Pelo menos três tiranias ao mesmo tempo pesam sobre a mesma humanidade!

Então Jesus Cristo, por verdadeira inspiração, descobre para além da descoberta do humano por Prometheu, a individualidade ou personalidade humana. O Templo cristão toma logo as proporções de receber seja a quem fôr. Jesus Cristo faz a reconciliação da humanidade com o Unico Deus de todos, contra os numerosos e incertos deuses da mytologia, mesclas confusas de semi-deuses e herois.

Mais tarde, em plena Europa, na tão Ocidental Idade-Media, os nossos templos sobem os seus muros com os tectos em agulha a picar as nuvens. E é bem esta uma

maneira grafica e arquitetonica de fazer predominar o divino sobre o humano : apontar para o ceu.

Mas, ao fazer-se o dominio de um sobre o outro, produzia-se em realidade a sua separação : na terra o humano e no ceu o divino.

Prometheu limitara a sua descoberta ao humano na terra. Jesus Cristo não contraria a descoberta de Prometheu, apenas a completa juntando-lhe o divino. A Cathedral da Idade-Media é afinal a união dos dois valores autónomos, o divino e o humano, reunidos no mesmo edificio ; os dois opostos formando a mesma unidade.

Prometheu e Jesus Cristo são fundamentais no nascimento e vida da Europa. Jesus oriundo da Asia, é o portador da expressão do seu continente : o religioso. Na Asia nasceram todas as religiões, todas: inclusivé a cristã. Em todo o caso, apesar de estar mais proximo dos asiáticos pela noção do divino, estava tambem ligado aos Gregos pela de humano. De todas as maneiras não foi entre os asiáticos mas sim na Europa que Jesus Cristo conseguiu generalizar a sua doutrina.

Prometheu, personagem da Grecia Antiga, o berço genuino da Europa, descobriu ou preparou a maior descoberta humana : o humano.

A originalidade da Europa nasce no meio da indecisão mitologica com sêres entre divinos e humanos, até que Prometheu arrisca toda a sua fé no humano independente do divino. Esta indecisão da mitologia Grega apenas tinha uma saída : a de Prometheu, a do humano. A outra maneira de sair desta indecisão era a do divino : esta, porém, já era a expressão asiática.

Prometheu é o personagem puramente europeu, o pioneiro de toda a originalidade privativa da Europa, sem nenhuma especie de antecedencia oriental : o vertice inicial da ideia classica greco-latina que fez a civilização e cultura da Europa.

\*

Prometheu é um personagem da tragedia Grega. Não existiu em pessoa. Mas é possível idealizar um personagem de teatro que não corresponda imediatamente a muitas mais pessoas incomparavelmente do que a uma só? Claro que não. E' exactamente esta a significação do personagem de teatro : o caso particular mais generalizado entre todas as pessoas. Isto é, exactamente o que aconteceu no inquerito dos jornais do ocidente da Europa com a pergunta de qual era o assunto e o heroe que mais tinham interessado até hoje o publico europeu : Prometheu !

\*

A tragedia grega, tem, como todas as manifestações do espirito, particularidades que a colocam exactamente na ordem do nosso conhecimento geral. A particularidade mais evidente na tragedia grega é a da fatalidade. Esta fatalidade persegue a todos os personagens da tragedia grega e, sem excepção, cai tambem sobre Prometheu.

Prometheu vai afinal restituir aos deuses os segredos que lhes roubou em vista de os seus semelhantes não os saberem usar por conta-propria, como ele?!...

Prometheu revela-nos o mais tragico e complicado do assunto humano — que não basta a cada qual possuir os segredos dos deuses, é necessario que os semelhantes fiquem tambem possuidores desses mesmos segredos !

Prometheu que pergunta a Mercurio, enviado dos deuses para que lhes restituia os seus segredos :

«Tendes o poder de me separar de mim mesmo?»

não consegue afinal o seu sonho : formar homens á sua imagem, uma raça igual a si (Prometheu), para sofrer, para chorar, viver e sentir a alegria.

Não servirão afinal a Prometheu nem a ninguem esses segredos roubados, senão

quando os seus semelhantes estejam em igualdade de circumstancias no conhecimento dos segredos dos deuses. Isto é, quando de semelhantes passem a ser iguais, pois que só entre iguais será possível finalmente a colaboração!

E' uma coisa assim parecida com o de não servir o roubo senão ao proprio que o rouba, e não áqueles que o receberam das mãos do ladrão. Portanto, que todos, um por um, devam com as suas proprias mãos e arriscando a propria vida ir roubar pessoalmente os segredos dos deuses.

Em Prometheu o que está representado simbolicamente pelos segredos dos deuses é afinal o conhecimento humano.

O conhecimento está ao alcance de qualquer. E' trabalho puramente individual.

O conhecimento é unico e o caminho para o conhecimento tambem é unico. Pessoal é apenas o trabalho de cada um ao percorrer o caminho para o conhecimento.

E' esta a palavra que encerra toda a tragedia de Prometheu: conhecimento.

Os segredos dos deuses eram afinal coisas que pertencem ao Homem, coisas que o Homem pode executar por si. Os segredos dos deuses aguardavam apenas que o Homem viesse tomar conta deles para deles se servir na Terra.

Mas, oh fatalidade! o Homem não é um homem. O Homem somos nós todos e cada um de nós!

\*

«Um dia perguntaram a Democrito como tinha chegado a saber tantas coisas: Respondeu: Perguntei tudo a toda a gente.

Bastantes séculos mais tarde Goethe confessou por sua propria boca que «se lhe tirassem tudo quanto pertencia aos outros, ficava com muito pouco ou nada».

Por aqui se vê que cada um é o resultado de toda a gente; o que de maneira nenhuma quererá dizer que seja o bastante ter cada um perguntado tudo a toda a gente para que resulte imediatamente um Democrito ou um Goethe! Precisamente o difficil não é chegar aos Grandes, mas a si-proprio!... Ser o proprio é uma arte onde existe toda a gente e em que raros assignaram a obra-prima.

O que está fóra de duvida é que cada um deve ser como toda a gente, mas de maneira que a humanidade reconheça efectivamente o seu representante em cada um de nós. (1)

\*

Prometheu, o personagem maximo do humano na tragedia grega, é ao mesmo tempo o heroe e a victima do conhecimento.

Heroe, porque consegue na rialidade roubar aos deuses os seus segredos e alcançar desta maneira o conhecimento. Victima, porque depois de estar pessoalmente dono do conhecimento, este de nada lhe serve emquanto o resto dos mortaes não estiver tambem, como ele, pessoalmente senhor do conhecimento.

Eis a tragedia: o Homem não é só Prometheu, é Prometheu e mais o resto dos mortaes, toda a humanidade com todos os seus humanos, os heroes e os não heroes, os privilegiados pela natureza e aqueles a quem a natureza não preferiu, todos sem excepção.

Os proprios segredos só servem aos deuses porque estes estão todos igualmente dentro do conhecimento!

Os deuses não temem os heroes que lhes roubem os roubaveis segredos, simplesmente os lastimam. Lastimam a sorte dos heroes, a sua sina de terem de se levantar, um por um, para conquistarem o conhecimento que não servirá afinal a ninguem, emquanto não fôr de todos. Isto é, enquanto não formos todos heroes a sina dos heroes é ficarem sosinhos. E' a tragédia do conhecimento.

(1) «Pierrot e Arlequin» do autor (1924).

\*

«Julgavas talvez  
que passaria a odiar a vida,  
que fugiria para o deserto  
porque não vingava  
toda a flôr dos meus sonhos?»

diz o orgulho de Prometheu no poema incompleto de Goethe.

Ora este sonho de Prometheu é europeu e, pelo que se vê, ainda hoje é o sonho da Europa pelo menos no Ocidente. A característica do século XIX europeu, de generalizar a investigação científica, vem confirmar grandemente que este sonho do conhecimento está na massa do sangue da Europa. Mas não limitemos a um século determinado o que abrange bastamente toda a era cristã e antes de Cristo até ao primeiro dia da Europa na Grecia Antiga: o classico. O classico é toda a historia do conhecimento europeu, quer o seja na Ciencia quer na Arte, exactamente como o entendiam tambem os Gregos Antigos, os quaes não distinguiam uma da outra, e conheciam uma unica palavra para ambas — Tekné.

\*

Prometheu, se começa por ignorar a tragedia que contem o seu sonho, francamente, acaba por não a ignorar. Não será Prometheu quem vá renegar o seu sonho mesmo depois de saber que a tragedia entrou com ele. Pelo contrario, o sonho de Prometheu será eterno. Prometheu está na segredo do Universo pelo conhecimento. Este segredo é que é tragico em si. Não uma tragedia que se desfeche fatalmente para sempre sem solução, mas sim a eterna tragedia do Homem a conquistar o Mundo, a tragica acção desta conquista heroica!

Não é o fatalismo dos arabes e dos orientaes no qual o Destino já estava escrito para os que vieram a este mundo, mas sim a fatalidade europeia, nascida com Prometheu, dinâmica, heroica, conquistadora, dominante, universal e pessoal a um tempo; a fatalidade europeia de acompanhar o proprio sonho leal e heroicamente até ao fim da eternidade, ou seja, a fé.

\*

Jesus Cristo na Asia não pode encontrar melhor gente para a fé do que aquela que a sua doutrina encontrou depois na gente da Europa. Os europeus somos essencialmente gente de fé. Fé no humano, fé no divino, fé no conhecimento, fé na fé!

\*

Prometheu é o universal pelo conhecimento. Jesus Cristo é o universal pela fé. Jesus Cristo ganhou a Europa pela fé, mas a Europa tambem não renega Prometheu. A Europa não saberá jamais renegar-se a si-mesma, nem á fé. E' este o drama intimo da Europa, o seu discreto enigma: o conhecimento e a fé.

\*

O Enigma da Europa?!

Sim, o enigma da Europa.

A Europa tem sobretudo o sentido unanimista da vida. E' uma característica exclusivamente nossa. Este unanimismo faz dispersar-se a Europa em todos os sentidos em busca do sua alma unica. Isto é, a Europa funciona como uma verdadeira eternidade que o é, na renovação constante do seu todo espiritual. A cohesão espiritual da Europa resulta da genialidade dos seus dispaes. Atraidas todas as raças do mundo pela supre-

macia da Europa era inevitável que aqui se tivesse formado uma maior diversidade de pessoas do que em qualquer outro continente. A diversidade de raças de sangue e de civilização, e sobretudo a longa fixação desta diversidade, permite à Europa uma infinidade tal de caracteres humanos fixos e distintíssimos uns dos outros, mesmo observados dentro de uma mesma nacionalidade, que isto representa nem mais nem menos do que a maior fortuna espiritual da Europa e com a qual nenhum outro continente pode competir.

Na Europa, em todos os campos, religioso, científico, político, artístico, quando uma personalidade surge genialmente e faz levantar consigo a milhões de vidas, logo se ergue também genialmente outra personalidade oposta á sua e com ela outros tantos milhões de vidas que o acompanham inteiramente nessa opposição.

Quando Lutero, vencedor, realiza o grande golpe contra o catolicismo, reunindo unanimemente em sua volta a todo o Norte do Centro e do Ocidente da Europa, surge Ignacio de Loyola para iluminar de novo a fé católica em todo o Sul do centro e do Ocidente da Europa. Vencem Lutero e Ignacio de Loyola. Ganham o Norte e o Sul da Europa. (1).

Quando triunfa na Rússia a revolução comunista, automaticamente triunfa na Italia a revolução fascista. Ganha Lenine e ganha Mussolini.

Vencem o Norte e o Sul da Europa.

Quando persiste na Rússia a revolução comunista e na Italia a fascista, vinga na Alemanha o hitlerianismo. E com estas três revoluções em marcha na metade oriental da Europa procura-se uma posição de equilibrio para contrabalançar a supremacia do ocidente.

Porque como dizia Dostoiewski: «Quer o queiramos quer não, o mundo hoje nasce a Ocidente».

Quando surge uma victoria na Europa logo outra victoria na Europa se lhe opõe. E' necessario que tudo na Europa sejam victorias, para que a grande victoria permanente seja afinal a Europa.

Quando Erasmo atinge toda a grandeza da sua personalidade e consegue ter a Europa inteira escutando-o e aguardando os seus ditames, surge Lutero e depois Machiavel. E é bem este o programa da Europa: um genio que se levanta, ao mesmo tempo que dá o exemplo, é também um desafio para que outros genios se levantem também. Na certeza de que o que não haverá nunca são genios iguaes, os genios são todos diferentes um dos outros, os genios são afinal toda a integridade da personalidade humana!

É o hereismo de Prometheu em marcha, a levantar sucessiva e simultaneamente nas terras da Europa e do Mundo os infinitos genios da humanidade universal. E' o proprio genio da Europa que aceita, exalta e ama não já apenas o humano, nem só ainda a personalidade humana, como também a genialidade de cada personalidade humana, o maximo de luz e de presença de cada caso pessoal.

Esta característica unanimista da Europa é organica, faz parte integrante do proprio corpo europeu, é o seu sangue que corre em suas proprias veias e arterias.

(1) O romantismo, que em geral se toma apenas como attitude literaria, como o foi rialmente na França, tem outro sentido bem mais vehemente do que este lá no proprio paiz da sua origem, a Alemanha. O romantismo alemão é um sucedaneo do Protestantismo. O Protestantismo é o movimento geral do Norte da Europa separando-se do Sul; o romantismo é o movimento individual do Norte da Europa separando-se da obediencia da cultura classica greco-latina do Sul da Europa. O romantismo é o remate do Norte da Europa emancipando-se do Sul.

O Norte e o Sul da Europa são a eterna divergencia das duas interpretações possiveis que ligam o particular ao geral: O Norte representando o sentido do particular para o geral; o Sul o do geral para o particular.

Um nordico para justificar o seu sentido do particular para o geral diz que parte da raiz para a arvore e não da arvore para a raiz.

Um meridional responder-lhe-hia que também parte da raiz para a arvore, simplesmente, o que representa a raiz para o nordico é a arvore para o meridional e vice-versa.

O grave é que os meridionaes entendem que se possa ser de maneira oposta á sua, ao passo que os nordicos parece que jamais o poderão admitir.

Quando Ingres surge genialmente no campo da arte, ao mesmo tempo se levanta no mesmo campo o seu oposito Delacroix. A sua celebre «querela das côres» é afinal o legitimo logar de cada um deles e a mais profunda admiração mutua. Dois genios que ficam na historia, na arte e na lealdade.

Ao lado do genio do espirito nasce o genio pratico; ao lado do genio do positivo nasce o genio da imaginação; em cada campo nascem tantos genios inteiros quantas são as direcções das pontas e do centro da rosa dos ventos.

O Universo não é uma utopia, tudo na humanidade se congrega, se úna e caminha na Direcção Unica. Toda a superficie da Terra é equidistante do seu centro esferico e animico; toda a superficie da Terra é equidistante da abóboda sideral.

Na face da Terra nunca haverá gente a mais nem gente a menos; na vida cabem exactamente todos quantos nasceram para a vida. O «Struggle for life» é tão celebre como falso, tão falso como Judas; existe sim, na verdade, mas é apenas um resultado dos falsos poderios das finanças e das politicas; das finanças que não é acertar o que querem, das politicas megalomanas que arriscam tudo pela rialidade imediata.

Quando neste mundo não vemos senão o que está mais perto de nós quere, dizer que se toldaram as claridades do Universo; quere dizer que limitámos com as nossas proprias mãos o proprio ar que temos para respirar; quere dizer que rareámos e envenenámos com as nossas proprias mãos o unico ar que a humanidade tem para respirar e viver.

Uma humanidade que tem a «lucta pela existencia» a substituir a «lucta pela vida», a conquista individual da personalidade humana, é uma humanidade que está desviada do seu verdadeiro caminho, da sua direcção unica.

Com efeito ha duas unicas maneiras de atingir o universal: o conhecimento e a fé. Uma humanidade de genios e uma humanidade de santos. Prometheu e Christo.

Se fôsse apenas Christo, ou só Prometheu a marcarem o perfil espirital da Europa, resultaria um totalismo da fé ou um totalismo do conhecimento, e teria sido logo outro o resultado do mundo actual europeu, no qual é evidente a caracteristica unanimista da Europa juntando às possibilidades da personalidade humana pela fé, as possibilidades da personalidade humana pelo conhecimento.

Uma humanidade exclusiva de personalidades da fé, seria um mosteiro; uma humanidade exclusiva de personalidades do conhecimento, um laboratorio. O mosteiro e o laboratorio são fabricas da vida, fabricas donde sae a vida; a vida feita nas fabricas para sair para todo o mundo.

Mas a vida é cá fora ao ar livre: É a faisca electrica produzida entre o genio do conhecimento e o genio da fé. A vida actual e futura é o encontro da legião das personalidades humanas do conhecimento com a legião das personalidades humanas da fé. E foi esta a genial descoberta unanimista da Europa!

\*

Atravez da historia da Europa vemos as grandes personalidades do conhecimento aliarem perfeitamente, dentro do caso particular da sua individualidade, o conhecimento com a fé. Outros separam completamente uma do outro, e ainda outros entram denodadamente na discussão desta aliança ou separação. Enfim, todas as possibilidades desta combinação. Exactamente o caracter unanimista europeu que necessita de todas as diversas raridades do humano e dos seus paroxismos.

Porem, dentro do campo exclusivo da fé, sem conflicto com o conhecimento, as interpretações sobre o unico Cristo divergem, e divide-se a fé na Europa em Norte e Sul, Este e Oeste. Ninguem na Europa renega a Cristo nem ao Unico Deus de todos, mas as personalidades humanas europeias emancipam a sua fé da fé dos seus visinhos europeus. O que representam afinal no campo da fé estes movimentos colectivos de emancipação de um todo religioso? Vê-los apenas como rebeldia será o mesmo que querer fe-

char os olhos para o proprio ensinamento dos factos. Não são apenas rebeldia, têm também uma significação exacta historica. A rebeldia tem dois lados, o bom e o mau: um que desespera e outro que edifica. E este que edifica é sempre mais obediente do que o que destroe.

A significação dos factos historicos representativos dos movimentos colectivos da Europa na emancipação da fé de um todo religioso é uma unica: a de passar o sentido do universal, das religiões para a fé.

E' da historia que nenhuma religião até hoje conseguiu ser a universal. Porem a fé, seja ela qual fôr, esse sentimento geral do humano, já é universal.

A doutrina de Cristo não é a de que a ideia do universal venha a cobrir toda a superficie da Terra e impôr-se por unanimidade a cada um dos mortaes; mas a de que cada um dos humanos de per si, um por um, tenha atingido pessoalmente esse sentimento do universal.

«La religion est une affaire entre chaque homme et la Divinité», escreve Stendhal, o europeu Stendhal.

\*

No mapa politico da Europa repete-se o mesmo processo de classificação por celectividades na interpretação do todo o politico. Esta emancipação torna as varias nacionalidades, e as nacionalidades são a função do todo o politico da Europa.

As bandeiras das nacionalidades europeias eram todas a mesma: a cruz sobre um fundo, variando apenas as côres no fundo e na cruz. Ainda hoje existem bandeiras de nacionalidades europeias com estas características trazidas desde a origem: a dinamarquesa, a norueguesa, a sueca e a suissa. A Inglaterra ainda conserva no essencial da sua actual bandeira, a sua primitiva cruz vermelha sobre fundo azul. A bandeira de Portugal que era a cruz azul sobre fundo branco ainda hoje pode encontrar os seus vestigios no nosso escudo nacional das quinas azuis sobre fundo de prata. A Grecia na parte principal da sua bandeira conserva a sua cruz branca sobre fundo azul.

\*\*

O todo religioso e o todo politico, nas suas posições intermedias entre o universal e o pessoal, e por entre o abstracto das suas noções e as realidades sobre as quaes elas não-de assentar. irão forçosamente criando successivos nucleos colectivos, especie de mundos parciaes para identicos: raças de sangue, raças geograficas, raças de civilização, regimes politicos, nacionalismos, imperialismos, religiões e seitas. Estes successivos nucleos colectivos, esta especie de mundos parciaes para identicos, e nos quaes se dividem o todo religioso e o todo politico, continuam com o mesmo objectivo unico e fatal do seu respectivo todo, de fazer coincidir o universal com o individual, o universal da humanidade inteira com o individual de toda e qualquer pessoa humana, apenas atendendo de preferencia ás circumstancias do seu caso particular.

O todo religioso e o todo politico não chegam a alcançar acessivelmente a personalidade humana de cada individualidade humana de per si, senão atravez de nucleos colectivos, religiosos e politicos, mais perto já do entendimento e do sentimento dos seres humanos que lhes estão circunscritos: o Catholicismo, o Protestantismo e a religião orthodoxa (a russa e a grega), todas dentro do todo religioso da Europa; e as varias nacionalidades e as varias raças de civilização e de cultura dentro do todo politico da Europa.

As varias religiões e as varias nacionalidades são a garantia das respectivas individualidades humanas ocupando as varias posições geograficas dentro da Europa e formando o todo da Europa no mundo universal. É este o verdadeiro caminho do universal desde o abstracto da sua ideia propria até á consciencia colectiva e individual de cada uma das pessoas humanas indivisivelmente.

Qual é afinal a expressão do universal? é a sobreposição, a justaposição no mesmo e unico ser humano das duas consciencias legitimas: a universal e a individual.

«Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti» diz Jesus Cristo.

Em geral entende-se nestas palavras o sentido mais simples e não precisamente o unico. Não serão acaso estas palavras o proprio encontro da consciencia individual com a consciencia universal? O que significam então, apenas a consciencia individual ou apenas a consciencia universal? Qualquer delas isoladamente será logo a tirana da outra e até a de si-mesma. Ambas juntas são o proprio equilibrio.

Cristo não diz: «Faze aos outros o que queres que te façam a ti». Não! Cristo conhece perfeitamente a dignidade humana, sabe perfeitamente que o unico que serve de verdade a personalidade humana é a propria liberdade da acção pessoal. O que Cristo disse, foi: «Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti». Ora o unico que não queremos que nos façam a nós é que nos impeçam a liberdade da nossa acção pessoal, que nos perturbem no nosso dialogo pessoal e intimo com o universo, que não respeitem toda a atenção que devemos ás nossas faculdades privativas e com as quaes andaremos legitimamente entre as gentes e colaboraremos um dia com a humanidade.

Esta frase de Cristo podia talvez dizer-se desta outra maneira: «Para viver é necessario deixar viver». Deixar viver a vida em nós, e deixar viver nos outros a vida a cargo de cada um deles.

Prometheu diria: que cada qual vá pessoalmente roubar aos deuses os seus segredos, o que quer dizer por outras palavras, que ocupa uma vida a parte que compete a cada qual no conhecimento.

\*

Mas a humanidade é muita gente; é até toda a gente. Mas ha quem confunda a humanidade com as multidões. As multidões parecem-lhes a humanidade inteira. E poucos são os que saibam ver a humanidade atravez dos infinitos exemplos dos casos pessoais. Ora o unico problema do mundo é o caso pessoal de cada um. E não é aos outros a quem compete dar solução a este problema.

Com efeito é impreterivel dar destino ás multidões. E' nas multidões que estão os unicos seres deste mundo que não cumprem com o seu proprio destino. E' nas multidões da humanidade que se encontram os unicos seres deste mundo que erram o seu proprio fim. E começam aqui as religiões e as politicas: é impreterivel dar destino ás pessoas humanas das multidões.

Mas as multidões são o unico caminho para a humanidade? Não. Os humanos não estão todos na mesma altura do entendimento e do conhecimento. As idades do espirito não têm paralelo com as idades fisicas e moraes da existencia. De modo que uns já chegaram quando outros ainda nem sequer se meteram a caminho. A caminho de quê? Já chegaram? Aonde? Á Forma!

A humanidade nasce inteira de vida mas informe. Cada qual ha-de conquistar a Forma com os seus proprios poderes pessoaes, como Prometheu roubando pessoalmente os segredos dos deuses, ou como Cristo o Deus feito homem, ou se é possivel com o exemplo de ambos. Mas nem Prometheu com a sua fé no humano, nem Cristo com a Divindade tornada humana, conseguiram debelar as multidões. Desgraçadamente, os humanos nem todos sabemos viver sem mal-entendidos com a humanidade. Nem todos sabem encontrar a sua liberdade pessoal sem mal-entendido com a vida. Houvesse todas as maneiras de seguir pelo caminho do conhecimento e ainda ficaria gente para os mal-entendidos?! Mas quando houvesse todas essas maneiras de seguir pelo caminho do conhecimento, isso quereria dizer que cada uma das pessoas humanas tinha acertado com a sua!... E não será isto mesmo, afinal, o que deseja a humanidade inteira? E'. Comtudo as multidões ainda continuam neste mundo.

\*

A formação dos nucleos colectivos, religiosos e politicos, foi e é forçosa, mas quanto mais subdividida estiver a consciencia colectiva, mais sobrecarregada se ha-de encontrar a consciencia individual. O individual e o universal cada vez necessitam mais

um do outro. Quanto mais integrado estiver cada qual na sua propria personalidade humana, quanto mais dentro de si mesmo estiver cada um, mais exigente se lhe torna a sua colaboração pessoal com o universal. Prometheu não tem intermediario entre o humano e o universo. Cristo é ele mesmo em pessoa o humano e o Divino. Isto é, mais uma vez o espirito da tradição se nos mostra tal qual é: não uma serie de sistemas a copiar, mas sim exemplos pessoas a seguir pessoalmente.

\*

A união dos pequenos estados da Europa e da qual resultaram as grandes potencias unificadas da Inglaterra, da Alemanha, da França, da Russia, da Italia e da Espanha, não será um reflexo da necessidade vital em que se encontram as politicas nacionaes de atingirem o universal?

Por outro lado as egrejas refugiaram-se no seu puro sentido de religião, abstiveram-se de toda a interferencia politica, e os nacionalistas que quizeram fazer ressuscitar uma fé nacional que fôsse ao mesmo tempo religiosa, foram atingidos pela excomunhão.

Estes factos denunciam que o **politico** e o **religioso**, se vêem seriamente surprehendidos entre as consciencias universal e individual. O orgulho politico julga que tambem lhe pertence o dominio do Universal. Melhores provas nos dá a Egreja limitando-se ao papel de medianeira entre cada pessoa humana e o Divino.

E efectivamente as egrejas christãs estão bem mais perto de Cristo hoje, procedendo desta maneira, do que se intervissem na politica como ontem.

\*

Prometheu e Cristo são afinal ambos uma mesma ideia, fazendo um e outro coincidir a consciencia universal e a consciencia individual na unidade pessoal de cada ser humano. Mas para tanto, Prometheu e Cristo não supõem nenhuma especie de colectividade intercalada entre o universal e o individual. Nem Prometheu nem Cristo não falam nunca nem na nacionalidade nem na familia. Não as atacam nem as defendem: não se referem a elas sequer.

Não podemos acusar a Prometheu nem a Cristo de ignorancia, a qual será sempre nossa. Para Prometheu e para Cristo, ha um unico valor colectivo ou comum: o da sua maior e mais geral extensão: o universal; e um unico valor individual, o que representa no humano a sua mais perfeita unidade indivisivel: cada ser humano. No Oriente a ideia do universal está bem clara através do proprio Confucius: «o unico bem é o bem que é de todos; e o unico mal é o mal que não é de todos». Simplesmente, o universal não coube desta maneira na Europa, e Prometheu juntou-lhe a colaboração do humano para que coubesse a unidade mais perfeita da humanidade no sentido maximo do colectivo.

Cristo depois, une Confucius e Prometheu ao mundo, a Asia e a Europa á terra, juntando ao Humano o Divino.

Christo é a grande politica do Humano e do Divino.

A grande politica do Humano e do Divino não se resume á Asia ou á Europa ou a ambas, mas abrange toda a terra com todos os seus continentes.

Assim é que os valores Divino e Humano hão-de fatalmente nos novos continentes: Americas, Australia, e na parte europeia da Africa e na negra, formar novas expressões do colectivo e do individual, que decidam a feição espiritual das respectivas massas geograficas.

Dispondo já de conhecimentos vividos do Humano e do Divino legados pela Asia e Europa hão-de forçosamente criar lá nas suas paragens, as suas modalidades proprias e caracteristicas, imprescindiveis no unanime universal.

Nos novos continentes já se adivinha a formação de uma genialidade nova e na qual os sentidos fisicos e o conhecimento material funcionam já como substancia ideal e capaz da espiritualidade mais inédita que por ventura tenha existido na terra.

O que importa ao Mundo é a Terra inteira e cada pessoa humana por si propria.

Cristo reconcilia o Humano com o Divino e a seguir a humanidade acertará o material com o espiritual e acabará por concertar tudo com todos.

\*

Nem Prometheu nem Cristo falam uma unica vez nas colectividades parciaes : nacionalidade e familia, ou chamemos-lhe **totaes** em distincção da unica colectividade **universal**. Isto é, nem Prometheu nem Cristo supõem haver outras modalidades do universal e do individual do que as restrictamente pessoas. Estas modalidades restrictamente pessoas são o reflexo de cada continente geografico em cada um dos seres humanos. Confucius a Asia e Prometheu a Europa; cada asiatico como Confucius mais a sua propria personalidade de determinado humano da Asia, cada europeu como Prometheu mais a sua propria personalidade de determinado humano da Europa. Apenas Cristo é a excepção: tudo quanto Cristo diz e faz é para os outros, sejam quaes forem cada um dos outros.

Tanto para Prometheu como para Cristo não ha outro sentido do comum ou colectivo senão o seu sentido maximo, na sua maxima extensão e na sua maxima generalidade; nem outra unidade mais perfeita e mais unica do humano do que a propria personalidade individual de cada ser humano, de todo e qualquer ser humano. Para Prometheu, por exemplo, a sua modalidade é a Europa, e com esta modalidade é universal e humano. Fora da modalidade continental de cada ser humano, isto é, fora da união imediata e absoluta do universal e do individual, de cada ser humano, a familia resulta ou degenera em tribu ou na formação dos três estados: clero, nobreza e povo, ou em qualquer outra classificação da humanidade por classes distintas umas das outras; e toda a nacionalidade não pode deixar de tender sempre para considerar-se o centro politico do Mundo por usurpação do Universal. Isto é o significado do Imperialismo.

A familia, patriarcal ou matriarcal, é sempre uma função mais perto da colectividade nação do que da colectividade universal e do individual, se é que cabe nestas tambem. Pelo menos, Prometheu e Cristo, fazem melhor do que negá-lo, procedem como se não existissem a nacionalidade e a familia. Nem a nacionalidade nem a familia têm por sombras os valores que representam o universal e o pessoal. A humanidade e a pessoa humana são todo o respeito que devemos ao Mundo e á vida.

O que representam então no Mundo a nacionalidade e a familia? São processos pura e exclusivamente administrativos. Se se trata da administração de pessoas que são do mesmo territorio é a nacionalidade; se de pessoas que vivem debaixo do mesmo tecto, a familia. A nacionalidade é uma extensão maior da familia, como se o seu territorio abrangesse a todos debaixo do mesmo tecto. Nada do que pertence ao espirito, universal e individual, é exclusivo da nacionalidade ou da familia: nem mesmo quando a administração de uma e de outra implique a legitima defeza dessa legitima administração. Sobre tudo, as nacionalidades caíram sempre no inevitavel de considerar o perigo em que correm as suas pessoas imediatamente, mais do que pensaram em preparar-lhes para o futuro a garantia da sua continuação. E porquê? Porque a administração colectiva tem um limite de generosidade para com as pessoas suas administradas. A parte inteira que na vida do espirito lhes cabe a cada uma das suas pessoas está permanentemente afectada pelas urgencias das realidades administrativas da colectividade, as quais chegam a atingir o desespero, a violencia e a maior de todas as violencias, a guerra; ou pelo menos arrastada pela colectividade, constantemente sujeita a seguir pela sua inevitavel inconstancia devida á imperiosidade do equilibrio quotidiano e sem outra finalidade neste equilibrio quotidiano do que a de ter afinal de ceder toda a acção á vida universal e individual. Efectivamente, o que é colectivo ou comum, tem a dimensão minima em relação ao universal e individual. Mas tem de facto essa dimensão minima.

Quando a colectividade não ultrapassa essa dimensão minima, fica inteira.

A colectividade é materialidade pura. No campo do espirito nada mais lhe pertence do que preparar-lhe o terreno material. E assim acontece tambem no proprio organismo

individual humano: O espirito tem incomparavelmente mais necessidades e curiosidades do que o corpo. O corpo é apenas a perfeita obediencia ao espirito. Assim tambem a colectividade é a obediencia comum ao universal e ao individual. A obediencia material.

E o mesmo quanto á familia. O pae, a mãe, os filhos que vivem debaixo do mesmo tecto, e os criados, formam de facto o que se entende por familia e são uma empresa que administra o seu proprio bem comum. O sentido exclusivamente material da familia é difficil de fazer-se admitir no entendimento da gente por causa da força dos sentimentos intimos que ela representa. Mas o amor dos sexos primeiro, e depois o dos paes pelos filhos e o destes por aqueles, são garantias expontaneas da propria natureza. Todo o espirito que estes sentimentos revelam são obra legitima do humano. Ou melhor: a transformação destes actos naturaes em sentimentos humanos significa uma espiritualidade que já não pertence á expontaneidade da natureza. Claro está que os selvagens tambem têm espiritualidade, não porem a espiritualidade que classifica os sentimentos. A espiritualidade nasce ao mesmo tempo que a criação da Natureza, é tão selvagem como ela na origem comum, mas acaba por sobrepô-la constantemente. Esta sobreposição é que gera os sentimentos confirmados pela acção natural.

Mas precisamente o que foi deturpado na colectividade e na familia foi a essencia espiritual destes legitimos sentimentos humanos confirmados pela natureza. O amor de familia e a solidariedade colectiva estão consecutivamente postos exclusivamente ao serviço do que lhes é comum, quando precisamente o que é comum é que deve estar sempre ao serviço da integridade de cada particular. Estamos fartos de assistir a rógos de solidariedade que não dizem afinal respeito senão a quantos, e que não servem portanto a um sequer. Ao passo que se o sentimento de solidariedade estiver unanimemente colocado no universal, já todo e qualquer ser humano se sentirá compreendido nêle. O resultado efectivo da solidariedade é o colectivo, o comum, isto é, o equilibrio do material; e este equilibrio material é o que garante socialmente o desenvolvimento espiritual de cada ser humano e por conseguinte, a sua liberdade de acção pessoal no espirito. Na familia, onde os sentimentos nos parecem mais puros e intactos, foram afinal mais deturpados do que em nenhuma outra circumstancia da vida em comum. Houve primeiro o patriarcado e depois o patriarcado, e hoje indistinctamente um e outro. Isto é, houve sempre o predominio de um membro da familia sobre os outros. Mas este predominio nunca se limitou á autoridade para administrar o material, nem tão pouco á autoridade moral; e o chefe extralimitou-se sempre nos seus deveres de chefe, a ponto de não prevêr a igualdade de liberdade espiritual para cada um dos componentes da familia. Esta deturpação dos sentimentos colectivos, familiares e particulares, provocou a degenerescencia conhecida por sentimentalismo. A seguir veio a reacção contra o sentimentalismo. Mas hoje ainda não ha outra coisa do que essa reacção contra o sentimentalismo: ainda hoje estamos longe da essencia espiritual dos sentimentos humanos confirmados pela natureza. Ainda hoje a humanidade não compreende perfeitamente o que é puramente material e o que é puramente espiritual.

Em resumo:

É puramente material o colectivo, o comum e o familiar. E' puramente espiritual o universal e o individual.

Falta porém ainda entender melhor o que representam o material do colectivo e do familiar.

Claro está que se todos fazem parte do colectivo e do familiar, e se estas organizações são puramente materiais, tambem cada um de nós representa uma parte material determinada nos respectivos conjuntos materiais, colectivo e familiar. E é exactamente o que acontece. A parte material de cada um de nós no colectivo ou no familiar, e ás quais por natureza não nos podemos furtar, é o que se designa pela palavra individuo. Nós somos cada um de nós respectivamente o individuo da colectividade e o individuo da familia. Todos os animais numerosos, como a humanidade, têm a sua organização natural, isto é, perfeitamente material, e sem a qual não será possível á humanidade rialisar a sua conquista espiritual e que a distingue de todos os outros seres animais.

Podemos por conseguinte, agora, completar o nosso resumo anterior desta maneira:

E' puramente material o colectivo, o familiar (compreendendo por colectivo ou comum, a colectividade e o individuo da colectividade; por familia, o conjunto dos individuos que a formam e cada individuo da familia).

O individuo é a nossa parte material absolutamente devida ao conjunto humano nas suas parcelas naturaes: a colectividade e a familia.

E' puramente espirital o universal e o individual. Em vez de individual deve dizer-se pessoal. O pessoal é que representa toda a integridade da personalidade de cada sêr humano sobrepôsto ao individuo.

Ao dizer individual não era uma referencia ao individuo coleclivo ou familiar mas á pessoa humana na sua unidade mais perfeita do humano.

Enfim, é puramente espirital o universal e cada uma das pessoas humanas.

\*

Não cabe duvida que desde determinado momento da Europa se deu uma caída ou degenerescencia tanto dos valores colectivos como dos individuais.

Estes valores colectivos e individuais não podem nunca deixar de se arrastar uns aos outros. São elementos de um mesmo e unico material. Um todo organico com todos os seus órgãos. Uma maquina de rendimento perfeito com cada uma das suas peças.

O desacordo entre a colectividade e os seus individuos, a persistir, devia forçosamente conduzir a personalisar independentemente uma dos outros, em manifesto prejuizo do seu equilibrio material. O divorcio da colectividade e o individuo é uma catastrophe igual à de desaparecer subitamente o solo debaixo dos nossos pés. Em face deste divorcio, desta catastrophe, as colectividades acabaram por não poder governar os povos com o seu exclusivo material administrativo, foram levadas a ultrapassar a sua propria autoridade colectiva e, por consequencia, fizeram-se sentir demasiado no terreno humano: universal e individual.

A personalidade humana ao vêr-se tomada como automato pela autoridade colectiva observou que esta se extralimitava na obediencia mutua e natural entre a colectividade e o individuo, e invadia já tambem o terreno humano espirital do universal e do pessoal.

Mas assim como as colectividades organisam por instinto de conservação a sua propria defeza no meio das outras colectividades, assim tambem cada individuo ao vêr que a sua propria colectividade lhe usurpa a sua legitima liberdade de acção espirital, universal e pessoal, não podendo fazer competir a sua propria defeza com a da colectividade, ha-de forçosamente *genializar* a independencia do seu caso particular.

A pessoa humana jamais se resigna a morrer em vida, nem tampouco a viver em branco. Viver em branco é uma aberração pela qual a pessoa humana embora se classifique colectivamente como individuo, pode comtudo ficar completamente alheada da sua propria personalidade humana.

Cada pessoa humana capacitada da sua inteira unidade propria e da inteira unidade propria da colectividade, não pode deixar de tender a pôr-se, a sí e á colectividade, nos seus respectivos e determinados campos de acção. Mas tanto a colectividade ha-de impôr-se á correcção dos seus individuos, como cada um destes tambem ha-de saber impôr-se á correcção da colectividade. Vendo serenamente o que neste sentido se passa no Mundo, se nota que efectivamente as colectividades e os seus individuos caminham francamente para um encontro inevitavel de umas com os outros.

Hoje, a par de toda a veemencia dos nacionalismos e imperialismos, existem e com toda a veemencia tambem pessoas humanas que isoladamente conhecem a ordem da escala dos valores humanos no universo.

Se a colectividade é a censura para os individuos, tambem estes são a censura para aquela. As capacidades de conhecimento das colectividades aumentaram com a capacidade de conhecimentos dos seus individuos e é nestas progressões que se hão-de encontrar um dia as novas colectividades com os seus novos individuos. Entretanto é explicável que as colectividades exagerem os seus poderes, tão explicável como os individuos se refugiem

na sua posição invencível de obedecer-lhes sem combater; o que não representa precisamente uma colaboração. Foi assim desta maneira, obedecendo e sem combater que Cristo e os Cristãos ganharam o mundo. Eles davam a Cesar o que era de Cesar e a Deus o que é de Deus. Nós hoje damos ao colectivo o que é do colectivo e a nós mesmos o que é de cada um de nós. E' esta a unica forma de realizar que no colectivo se encontrem um dia aqueles que sejam exactamente como cada um de nós: Uma raça como a de Prometheu, formada á nossa imagem, uma raça igual a cada um de nós, para sofrer, chorar, viver a sentir a alegria.

\*

A característica unanimista da Europa, de favorecer, incitar e ter necessidade de todas as genialidades em todos os campos e opiniões havia forçosamente de reflectir-se em cada uma das pessoas humanas dos europeus. E assim aconteceu: Existem na Europa as pessoas unanimistas.

Existem na Europa pessoas humanas com cultura geral, conhecedoras da ordem na escala inteira dos valores humanos no universo; pessoas humanas que sabem dar a Cesar o que é de Cesar, a Deus o que é de Deus, ao humano o que é do humano, ao universal o que é do universal, ao individual o que é do individual, ao colectivo o que é do colectivo, ao familiar o que é do familiar, ao material o que é do material, ao espiritual o que é do espiritual.

Na Europa houve e ha incomparavelmente mais pessoas unanimistas e genializadas do que possa imaginar-se, sobretudo debaixo das apparencias do colectivismo absoluto. O europeu actual accentua cada vez mais o seu traço característico de cumprir exteriormente com as leis colectivas, isolando cada vez mais a sua unidade pessoal de todo o mundo alheio, esteja ele no passado, no presente ou no futuro.

O mundo alheio é aquele onde cada um não deseja viver. E se o mundo onde cada um deseja viver não existe, é unico o recurso: imaginá-lo e ir por êle.

A boa imaginação pode de facto cumprir total e materialmente com o dever colectivo e servir apenas a rialidade da unidade pessoal humana na terra.

\*

Ao dizer unanimista não se entenda por escola esta palavra, nem no seu grande sentido nem no pequeno. Unanimista foi e é a posição geral da Europa no Mundo e acabou por ser um resultado evidente nas pessoas humanas europeias. Unanimista significa muito simplesmente que o seu espirito não é unilateral nem polilateral, mas inteiramente unanime com a vida sob todos os seus aspectos.

Se é isto uma escola já o foi ha muito tempo e entramos já hoje nos seus resultados positivos. Atingir o conhecimento e a attitude do unanime representa os mais diversos caminhos e as mais desiguais obediencias, conforme a natureza de cada pessoa humana. Uma vez atingidos o conhecimento e a attitude do unanime é como os crentes religiosos quando caem em estado de graça.

O unanime não se atinge senão pelos caminhos do Espirito. E' o encontro da consciencia universal com a consciencia pessoal, as duas consciencias intimas de cada pessoa humana. Face a face a consciencia universal e a consciencia pessoal, esta será sempre exactamente como o fôr, sem influir jamais na universal. Quere dizer, dentro de cada personalidade humana cabe toda a especie de convicção e todos os modos do conhecimento e do sentimento, sempre, e só quando sejam efectivamente particulares, quando não ultrapassem o proprio da sua feição particular, quando não se extralimitem do campo da consciencia pessoal, a qual está intimamente ligada com a consciencia universal e esta não sofre influencias.

A comunicação e a colaboração das pessoas humanas entre si não se faz atravez do particular a cada uma das pessoas, mas por meio do conhecimento e do sentimento no universal.

Fóra deste entendimento só pode haver ódios, orgulhos, intolerancias e tolerancias, tiranias e sentimentalismos, carceres e beneficencias, guerras e pazes, tempo perdido em violencias e arrependimentos.

\*

Mas, desenganem-se por uma vez todas as pessoas humanas, a humanidade não espera nada neste mundo que não lhe venha precisamente de cada uma das suas pessoas humanas. E' pura ignominia aceitar que a colectividade pode ser mentora do espirito. A cultura individual é que se reproduz em espirito na colectividade. Daqui o dizer-se que «os povos têm os governos que merecem». O espirito é retintamente universal e pessoal a um tempo, sem nenhuma parcialidade, nem em género nem em número. O único que serve a pessoa humana é o exemplo pessoal de cada uma das outras pessoas humanas. Mais nada.

Não ha sistemas comuns para conseguir que cada pessoa seja ela a propria. Assim fôsse que ninguem mentisse a pessoa humana como foi exactamente cada pessoa humana!

\*

A pessoa humana é um negócio particular de cada pessoa humana. Todos temos como não pode deixar de ser, pela razão da continuidade humana, natural e historica, forças atavicas que nos impelem para sentido determinado e particular a nós proprios; mas se estas forças atavicas não resultarem em incontinencia, mas forem auto-dirigidas, isto é, dirigidas sobre si-mesmas, em vez de uma fatalidade ou de um destino sobrepôsto aa nosso, passam a ser a melhor das energias ao serviço da nossa própria personalidade individual humana. As idades do instinto são por si violentas em todo o sentido, e esta violencia reforça-se com a ignorancia que temos das nossas proprias razões atavicas; mas se o instinto fôr levado a dirigir essa violencia sobre a propria ignorancia que temos do nosso cahos atávico, tudo se converterá em liberdade da nossa propria personalidade individual humana. Nem se pode entender de outra maneira a célebre frase do maior dos europeus, do mais unanime dos europeus, Leonardo da Vinci: «A força nasce violencia e morre liberdade». — Em resumo: a pessoa humana é um complexo de material e de espiritual exactamente como a própria vida. Pertence então a cada um de nós o trabalho de estabelecer concretamente como funcionam de acôrdo o material e o espiritual, o que não é possível senão sabendo constantemente distingui-los um do outro. A grande maioria dos humanos não consegue atingir a liberdade. A sua violencia original não encontra nunca a propria força quanto mais a própria liberdade. Isto significa que todo o trabalho de destrinça do material e do espiritual não foi realizado, ou por outras palavras, que só á força de preconceito cada qual pode levar a sua existencia enganada até ao fim. A violencia é a sinceridade; a força é a convicção e a liberdade é cada um! Com a sinceridade estão os **prós** e os **antis**; com a convicção os **ismos**: e com a liberdade cada um.

\*

Não! Não é por casualidade que num inquerito feito por varios jornais de várias nacionalidades europeias e no qual ha uma única pergunta, apareça entre os seus milhões de leitores uma resposta quasi única e unanime. São milhões de pessoas humanas europeias que falam cada uma por sua própria bôca e as quais sem combinação alguma entre si, estão afinal fortemente ligadas entre elas pelo mesmo entendimento.

Á pergunta: qual é o assunto e o seu herói que mais têm interessado a humanidade até hoje, responde a resposta: Prometheu.

E' esta a maneira genial de fazermos estatística na Europa.

Nós europeus somos da raça da Europa, da raça de Prometheu, da carne e ôsso de Prometheu, da raça igual a cada um de nós, da raça formada á nossa imagem, para sofrer, chorar, viver e sentir a alegria!

# Mistica colectiva

Quando o império romano procura estender o seu domínio a todo o território da Europa estabelece-se de facto na Europa uma unidade política mas não precisamente a unidade política da Europa. Assim é que, sob o domínio dos romanos, começam surgindo de todos os cantos da Europa os heróis locais, estes mesmos que serão, séculos depois, os próprios vértices respectivos das futuras nacionalidades: Na Alemanha Arminius, na França Vercingetorix, em Portugal Viriato, etc.

Vencedores ou derrotados pelos romanos, estes arborigenes, estes autoctones marcam indelevelmente para toda a posteridade o perfil imortal das pessoas humanas do seu próprio torrão natal: O que Arminius representa para a Alemanha, Vercingetorix para a França, Viriato para Portugal, (1) etc., é precisamente o que Prometheu representa para a Europa inteira.

Terminado o império romano e emancipados os povos, formam-se depois as várias nacionalidades e substitui-se a unidade política da Europa da Roma dos Césares pela unidade política da Europa legítima.

Entregues os povos aos seus próprios governos, a unidade da Europa está na ligação de todos pela mesma fé geográfica e telurica.

Trata-se de formar as várias civilisações particulares da civilização geral europeia. Trata-se de guardar no todo da Europa o perfil de cada um dos seus particulares.

Na Europa de hoje reproduz-se parecidamente o mesmo que na da Roma dos Césares. Não existe um poder central, como então, impondo com as suas legiões armadas a obediencia ao Cesar romano, mas há uma força que ultrapassa o poderio das nacionalidades europeias, uma força que não é localisadamente temporal em nenhuma parte da Europa, mas que existe, a mais forte de quantos imperios aqui se sucederam: E' a própria força da Europa mais uma afinal hoje do que nunca, entregue pela primeira vez á sua própria responsabilidade total, sem nenhum chefe único da Europa mas nas mãos de todos os chefes de todas as nacionalidades europeias. E' a força espiritual da Europa que entra em sua própria consciencia. E' esta consciencia da unidade espiritual da Europa que faz exigir de cada nacionalidade o superlativo da sua evidencia telurica, que faz ir cada povo até ás profundezas misticas do seu próprio barbarismo d'origem, como se o mais extranho poder e o mais sobrenatural intimasse cada nacionalidade a esclarecer toda a essência do seu próprio mistério, como se se tratasse de uma questão a praso, de vida ou de morte para cada nacionalidade.

A unidade espiritual da Europa entra hoje na sua maioridade. Os povos já não terão por inimigos o estrangeiro que lhes justifique as luctas pela independencia. Hoje a independencia dos povos assenta sobre si-mesmos, adentro fronteiras, corre mais perigos e tem menos inimigos extranhos.

A unidade espiritual da Europa ao mesmo tempo que ilumina melhor também ameaça mais a independencia de cada nacionalidade do que o estrangeiro á porta. Cada povo europeu actual ha-de fazer ressuscitar do barbarismo da sua origem a mistica colectiva da sua propria integração na terra-berço. Cada povo europeu actual ha-de mergulhar-se de novo nos absurdos milagres que o fizeram na lenda melhor do que na história. Cada povo europeu actual ha-de crêr novamente naqueles milagres que servem só para si e nos quais apenas ele sabe acreditar.

(1) O lusitano Viriato foi assassinado pelos romanos em 140 antes de Jesus Cristo, o gaulez Vercingetorix idem em 46 antes de Jesus Cristo, o germanico Arminius derrota as legiões romanas em 9 depois de Jesus Cristo.

É interessante para os portuguezes comparar estas datas e ver a idade do nosso heroe original incomparavelmente anterior ás dos outros heróis originais dos outros povos da Europa. Também é importante contar o tempo desde Viriato até á fundação da monarchia lusitana por Afonso Henriques, o que representa doze séculos e setenta e seis anos!

Afinal, na Europa, não há senão casos particulares de europeus: o caso russo, o caso alemão, o caso inglês, o caso francês, o caso português, o caso espanhol, etc. Os diversos e determinados casos da Europa. Os diversos, determinados e legítimos casos da Europa.

Fascismo, comunismo, hitlerianismo, e qualquer outro nacionalismo embora aparentemente discordia de políticas não são afinal senão o mesmo e único significado de cada caso particular do europeu. Cada um destes regimes se fecha dentro de suas próprias fronteiras e estas não se abrirão de facto senão quando cada povo tenha resolvido o seu próprio caso particular. Os actuais chefes das nacionalidades europeias são simples esboços a caminho dos futuros chefes que laboram em massa as colectividades actuais. De um lado os povos e de outro lado os seus próprios dirigentes, avançam ambos ao encontro do seu chefe que já se fez avisar em espírito antes de aparecer. Do mais recôndito da alma dos povos saem espontaneas as mais inéditas energias que nem o conhecimento nem o entendimento humanos estavam capazes de prevêr.

A mística colectiva cegou-se voluntariamente para não vêr outra luz que a sua própria.

A mística colectiva crê no chefe presente como crê no Deus seu privativo. Se o chefe não é ainda o seu chefe, esta imagem presente do chefe é bastante para garantir a fé da mística colectiva.

Do presente para o futuro é que está tudo o que é de cada caso particular. O que é sagrado neste mundo é o caso particular seja ele colectivo ou pessoal.

E' neste estado de tensão puramente animica que funcionam quotidianamente as nacionalidades da Europa. As actuais relações internacionaes são os últimos gestos do passado moribundo. As nacionalidades têm as portas fechadas para o de fóra. Lá dentro cada povo mergulha nas suas próprias entranhas para lava-las do alheio. Cada povo irá buscar na antiguidade o seu bárbaro iniciador, o primeiro autor da sua independencia telurica, o seu primeiro arborigene, o seu autoctone originário, e fa-lo-ha ressuscitar hojé, na Europa do século XX.

A Alemanha ressuscitará a Arminius, a França a Vercingetorix, Portugal a Viriato. O Arminius do século XX, o Vercingetorix do século XX, o Viriato do século XX!

E' inegável que desde a falência das antigas aristocracias, cuja data se pode fixar na da Revolução Francesa, as personalidades do poder foram sucessivamente até hoje sendo procuradas nas camadas sociais cada vez mais próximas do povo, na accessão mais humilde desta palavra. Por outro lado também este mesmo povo foi pouco a pouco perdendo o seu impôsto aspecto de pitoresco e tomando a sua nova aparência de participante social. E' quanto basta para deduzir que dirigentes e dirigidos se encaminham uns para os outros. Isto é, não só os governados como também os governantes se dirigem confiadamente á procura do seu próprio chefe. Um chefe com todos os poderes nas suas próprias mãos e sobretudo com o poder de garantir que cada uma das pessoas dos seus governados seja a própria de cada uma delas.

Edições SW

PUBLICA BREVEMENTE:

Deseja-se mulher

Três actos

1 prologo e sete quadros (Madrid 1928)

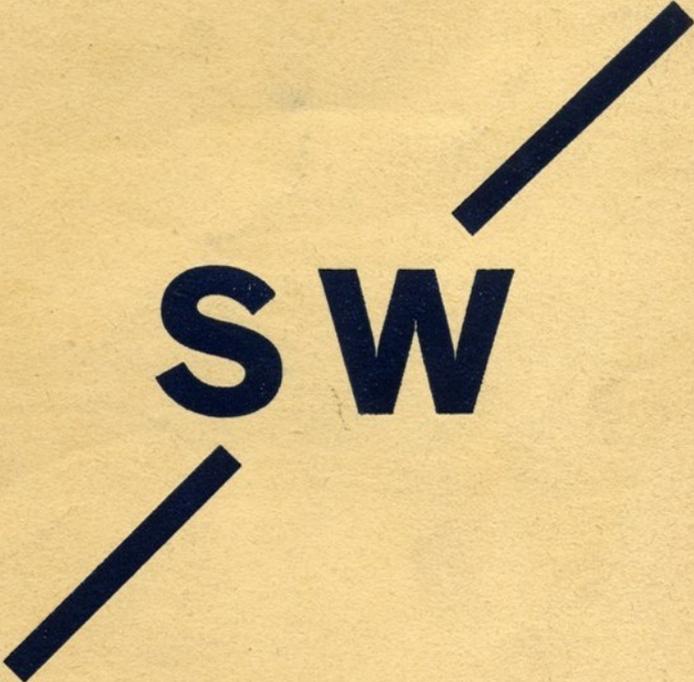
e

S. O. S.

Três actos

cinco quadros (Madrid 1929)

TEATRO DE  
ALMADA NEGREIROS



**S W**

5\$00

Livraria  
Bertrand